

ASPECTOS DAS IDENTIDADES ANGOLANAS: PEQUENA ANÁLISE COMPARATIVA

*Paula Faccini de Bastos Cruz*¹

Resumo: Este artigo foi escrito a partir de um estudo comparativo entre textos, pretendendo, através dessa intertextualidade, contribuir para a compreensão dos elementos que permitiram e estão permitindo a construção de identidades em Angola. Em minha tese de doutoramento procuro, recorrendo ao estudo de filmes produzidos nesse país, perceber como os angolanos se compreendem como sujeitos nacionalizados; como nessas obras pode-se analisar tanto a vulnerabilidade dessa sociedade, quanto sua capacidade de resiliência; como eles se nomeiam e se identificam dentro de um mundo globalizado. Portanto, o texto, aqui apresentado, é um pequeno resultado de parte deste exercício. Podemos perceber que alguns traços, ainda presentes na constituição das identidades angolanas, são vestígios da época dos primeiros contatos com o Ocidente, do entendimento que os europeus tiveram das populações que lá encontraram, e das imposições estabelecidas no processo de dominação colonial. Para enriquecer esta verificação, estabeleci algumas inferências a partir dos estudos de Todorov sobre a conquista da América, mais exatamente, sobre como os espanhóis perceberam os índios. Confrontando ambos os processos de dominação, encontrei importantes similitudes que nos ajudam a compreender o processo análogo vivido em Angola.

Palavras-Chave: Angola. Identidade. Resiliência. Vulnerabilidade. História Comparada. Cinema.

Abstract: This article was written from a comparative study between texts, in order to contribute to the understanding of the elements which allowed — and are still allowing — the construction of identities in Angola. In my doctoral thesis, through the study of movies produced in that country, I intend to realize how the angolans understand themselves as nationalized subjects;

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), bolsista Capes, coordenadora do projeto África: Cinema e História; coordenadora do Afrocine, cineclube vinculado ao Laboratório de Estudos Africanos (LeÁfrica). Agradeço aos membros do LeÁfrica pelas críticas e sugestões, especialmente ao meu orientador Prof. Dr. Silvio de Almeida Carvalho Filho e a Profa. MA Priscila Henriques Lima. Endereço eletrônico: pbastoscruz@terra.com.br.

how, in those works, it can be analyzed not only this society's vulnerability, but also its capacity of resilience; how they named themselves and identify themselves inside a globalized world. Therefore, the text here presented it's a small result of this exercise. We can notice that some traces, still presents in the constitution of Angolan's identities, are vestiges of the time of the first contacts with the Occident, the understanding of what the Europeans had with its population and the impositions established through the process of colonization. To enrich this verification, it was established some inferences from Todorov's studies about the America's conquest, more exactly about how the Spanish understood the Indians. Confronting both process of domination, it was found important similarities that helps to understand the analogous process lived in Angola.

Key Words: Angola. Identity. Resilience. Vulnerability. Comparative History. Cinema.

Fazer reagir para descobrir um aspecto desaperecebido, um ângulo insólito, uma propriedade escondida. Sem ter medo de desordenar a História ou de zombar da cronologia. O jogo vale a pena: o comparativista experimentador se dá assim a liberdade e o prazer de desmontar e de remontar lógicas parciais de pensamento (DETIENNE, 2004, p. 16).

Este artigo foi escrito a partir de um estudo comparativo entre textos, pretendendo — através desta intertextualidade — contribuir para a compreensão dos elementos que permitiram e estão permitindo a construção de identidades em Angola. Em minha tese de doutoramento procuro, através do estudo do cinema produzido neste país, perceber como os angolanos se compreendem como sujeitos; como nestas obras pode-se analisar, tanto a vulnerabilidade desta sociedade, quanto sua capacidade de resiliência²; como eles se nomeiam e se identificam dentro de um mundo globalizado. Para tanto se faz imprescindível nos valermos de certos conceitos, como identidade/alteiridade, cultura, sociedade e etnicidade. Este texto é o resultado de parte deste exercício.

2 Capacidade de reestruturação do sujeito após um trauma profundo.

Primeiramente gostaria de explicitar minha metodologia, que parecerá um tanto exótica a alguns historiadores, uma vez que não respeito cronologias, tampouco recortes geográficos nesta experiência. Meu trabalho parte da História Comparada, que já é por definição interdisciplinar em todos os sentidos — conceitual, teórico, na escolha dos tipos de fonte, por exemplo. Indo além, Dètienne propõe um estudo a partir da comparação de formas de pensamento, de entradas, daquilo que chamou de “sistemas de pensamento”, “placas de coerência”, de “comparáveis” (DETIENNE, 2004, p. 57). Uma ação, um gesto, como escolher ou rejeitar, se encadeia num conjunto arbitrário de pensamentos, numa configuração, concepção de mundo que possui “uma coerência relativa”, e que pode ser localizada, analisada e comparada.

Assim, os comparáveis funcionam como escolhas orientadas, “relações em cadeia”, e são organizados pelo pesquisador por meio de intuições sucessivas. Uma vez identificadas, essas entradas comparáveis nos possibilitarão perceber, compreender e nomear mecanismos que atuaram como formas de entendimento de si e do outro, da criação do duo identidade/alteridade entre angolanos e portugueses no passado, e que influenciam a constituição do entendimento que os angolanos têm de si mesmos, até os dias de hoje, principalmente na cidade de Luanda. Reafirmo aqui meu foco de estudo: interessa-me a imagem que esta sociedade desenha de si mesmo, como se enxerga no espelho — não a visão externa desta sociedade, construída pelo Ocidente, muitas vezes estereotipada, cheia de incompreensão, distorções e preconceitos.

No entanto, estas placas de coerência só são passíveis de definição, de nomeação, durante o próprio fazer, o exercício de comparação, posto ser nele que, aos poucos, vão se apresentando ao pesquisador seus traços — a crítica é sempre acompanhada pela experimentação. Creio que conseguirei deixar esta questão mais clara ao longo do artigo, onde tentarei elucidar as placas de

coerência que utilizei. Parafraseando Dètienne, nos exercitamos enquanto passeávamos, com duas ou três questões no bolso, pelas passarelas que construímos entre um texto e outro, um texto e uma imagem, tentando “estender o mais largamente possível o campo de uma investigação da qual ainda não soube fixar os limites” (DETIENNE, 2004, p. 52).

Em Angola, as transformações sociais e variações culturais se deram dentro do próprio território nacional, em função da sobreposição forçada de uma estrutura de Estado³ ocidental às sociedades nativas, com todas as consequências que tal violência acarreta — guerra colonial, guerra civil, unificação linguística em língua estrangeira, migrações, demarcação territorial artificial, etc. Podemos perceber que alguns traços, ainda presentes na constituição das identidades angolanas, são vestígios da época dos primeiros contatos com o Ocidente, da forma como estes se deram, do entendimento que os europeus tiveram das populações que encontraram, e das imposições estabelecidas no processo de dominação colonial. Outros tiveram suas origens nas lutas de libertação; alguns mais adiante no tempo, após a guerra civil. Digo identidades angolanas, assim, no plural, porque identidades, em geral, querem se apresentar como homogêneas e unificadas, porém apresentam sempre uma pluralidade e uma heterogeneidade marcantes, principalmente no caso de Angola. Para enriquecer minha compreensão do impacto dos primeiros contatos entre europeus e africanos, analisei os estudos de Todorov sobre a conquista da América pelos espanhóis, mais exatamente, como os espanhóis perceberam os índios (TODOROV, 2003). A partir de uma análise comparada entre ambos os processos de dominação, encontrei importantes semelhanças. Este autor parte do princípio de que o eu é um outro, e cada outro é um eu

3 Não pretendo me aprofundar nas questões que envolvem o conceito de Estado neste artigo, por entender que apenas ele já necessitaria de um artigo próprio. Limito-me a defini-lo de forma breve como sendo um território demarcado por fronteiras, onde instituições públicas exercem o monopólio “de coerção e extração dentro de um determinado território” (SMITH, 1997, p. 29).

também. O que os diferencia é o ponto de vista no qual somente eu estou aqui, e os outros estão lá. Eles podem formar um grupo social, do qual não faço parte, mas que é parte de minha sociedade. Ou podem ser tão desconhecidos que não os compreendo e quase não os identifico como sujeitos, como nos casos em questão.

A primeira temática selecionada por nós no texto de Todorov foi a religião. O autor aponta o cristianismo como uma das principais forças motrizes de Colombo em sua empreitada, sendo o ouro apenas o meio pelo qual ele acreditou viabilizar seu projeto. Entendendo que a Península Ibérica era toda ela igualmente cristã, voltada para os mesmos ideais cruzados expansionistas, também Portugal, em seu discurso colonizador, justificou durante longos séculos sua dominação, fazendo uso do mesmo discurso. Mais tarde, no colonialismo iniciado em fins do século XIX, a justificativa da dominação passaria a priorizar o mito da superioridade da “raça branca”, ao invés da cristianização — contudo, essa não foi abandonada, mas a compreensão do outro e os interesses reais continuariam os mesmos: busca de matéria-prima e mão de obra barata, assim como mercado consumidor.

Ao analisar a obra de Cortez, o autor percebe que este fez várias comparações entre sua cultura e a que encontrou no México, buscando com isso decifrar o desconhecido e atribuir-lhe um valor. Este outro sistema de pensamento também encontramos na atitude dos portugueses com relação aos africanos, quando construíram a identificação dos nativos através de uma escala de valores que partia da comparação consigo mesmo. Podemos constatar este fato, por exemplo, analisando as fotos e pequenos documentários produzidos à época, onde os negros aparecem como que catalogados, e em ocupações, muitas vezes montadas, onde se busca comprovar esta inferioridade (cf. MATOS, 2006). Nestes documentários, que infelizmente não tenho como mostrar aqui, os nativos africanos, perceptivelmente constrian-

gidos, são “expostos” trabalhando em atividades braçais, seminus e embrutecidos, como que fadados somente a estas funções, incapazes de qualquer trabalho intelectual, e invisíveis quanto a sua cultura. Nas fotos abaixo aparecem vários “exemplares”, como num mostruário, vendidos para o Brasil.

Assim também os índios eram entendidos como objetos pelos espanhóis, coletados como que “para completar uma espécie de coleção naturalista” (TODOROV, 2003, p. 187). Quando analisamos a filmografia produzida por Portugal sobre suas colônias africanas, pudemos constatar que a atitude dos portugueses foi exatamente a mesma.

Outra comparável que analisei neste texto foi a percepção da mudança de mundo vivenciada pela Península Ibérica. A subordinação de todos os valores à riqueza é apontada como um marco da entrada nos tempos modernos na Europa Ocidental. Valores antigos, como títulos de nobreza e honra, conquistados apenas através das guerras ou por herança, podiam agora ser comprados. “Esta homogeneização dos valores pelo dinheiro é um fato novo, e anuncia a mentalidade moderna, igualitarista e economicista” (TODOROV, 2003, p. 206). Podemos pensar que, da mesma forma, o impacto da entrada desta mentalidade moderna nas comunidades africanas nativas foi desnorteante, desestruturante e avasaladora. Sociedades que possuíam outras concepções de mundo, outras escalas de valores se viram obrigadas a inserir-se num contexto global que lhes era incompreensível.

O cristianismo é paradoxal, uma vez que considera todos os homens iguais perante Deus, mas escraviza em nome da religião. Não-cristãos, os índios eram entendidos como seres inferiores, podendo escolher entre se submeter espontaneamente ou à força aos espanhóis. Mas esta superioridade é dada pelo próprio discurso, pelo sujeito que o enuncia. Entendendo os índios como bárbaros e incivilizados, os espanhóis elaboraram um juízo de valor baseado

em sua própria definição e compreensão dos termos, e por esta razão atribuíram a si próprios o “direito de tutela”: direito de “civilizar” o indígena, mantendo-o sob sua guarda (e exploração) e com estatuto próprio, até que esse fosse considerado assimilado⁴. Da mesma forma agiram os portugueses com os indígenas africanos (cf. MATEUS, 1999). Avançando no tempo, a dominação seria justificada pela superioridade das raças europeias, mas a placa de coerência continuaria a mesma: os europeus compreendiam os indígenas, não-europeus, como seres inferiores, e, portanto, tinham sobre eles o “direito de tutela”.



Fotos de Alberto Henschel. (Apud ERMAKOFF, George. *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: George Ermakoff Casa Editorial, 2004, p. 182).

Outro ponto de semelhança entre a colonização espanhola na Meso-América e a colonização portuguesa em África é a falta de capacidade de perceber as diferenças entre as várias populações de cada um dos novos continentes, padronizando-as como se fossem uma só, não sendo feita “nunca uma configuração cultural ou social que possa ajudar a compreender as diferenças” (TODOROV, 2003,

⁴ Para ser considerado assimilado o nativo precisava preencher uma série de requisitos, como dominar perfeitamente a língua portuguesa, ter uma profissão reconhecida pelos colonos, comportar-se como um europeu; enfim, poucos chegavam a esta condição.

p. 239). O colonizador enxerga o mundo a partir de sua mentalidade, de sua concepção de mundo já pré-concebida, incapaz de estabelecer alteridade — temos aqui um outro comparável. Ele encaixa o que vê, o novo, naquilo que é conhecido, vendo naquilo que há o que existe pronto em sua mente.

Faço uma reflexão rápida acerca da questão étnica em Angola, por considerar relevante para a boa compreensão da análise que se segue, sem que veja necessidade, porém, de me aprofundar no tema. As etnias se formam a partir da relação com o outro, da alteridade, resultado da “organização social de diferenças culturais” — é o contraste entre o “eu” e o “outro” que as define. A cultura é a base onde se formam os grupos étnicos, sendo que não se formam em função de uma cultura comum, e sim de diferenças culturais (cf. BARTH, 2005). A questão étnica na construção da angolanidade é, de longe, a mais problemática. Somatório de diversos grupos sociais, a população de Angola, no recorte temporal proposto por mim, está longe de possuir uma única identidade comum. Porém sua capital, Luanda, por razões históricas tornou-se um ponto de convergência de todas as culturas do país, inclusive as de herança estrangeira (cf. HODGES, 2002). Um grande caldeirão cultural, a cidade cria e recria identidades, que começam a se propagar para as outras regiões. Eis o porquê da escolha de dois filmes rodados em Luanda como fonte.

Fazendo uma análise comparada entre o caso dos paquistaneses na Noruega, estudado por Barth⁵ (2005, p. 20), e as mudanças sofridas pelas populações originais da região de Angola, podemos apontar significativas semelhanças. Os paquistaneses, muitas vezes separados em seu país por guerras étnicas, uma vez na Noruega entendiam-se como um grupo só, os estrangeiros, infinitamente mais diferentes dos noruegueses do que entre si. Também em Angola existem ainda distintos grupos étnicos, que no passado chegavam a en-

5 Em seu livro o autor faz um estudo do processo vivido pelos migrantes paquistaneses para a Noruega, enfatizando seu processo de adaptação na nova sociedade (BARTH, 2005, p. 15-31).

trar em conflito, por vezes. Com a dominação colonial, os nativos precisaram aprender a língua portuguesa, principal acesso à nova cultura, necessária para seu reconhecimento como sujeitos capazes de se inserir na nova sociedade, como, por exemplo, arrumando um emprego. Tudo isto acarretou transformações e mudanças em sua cultura original. A ideia que tinham de si mesmos modificou-se em função da ideia que o outro fazia de si, e as diferenças étnicas se tornaram pequenas, num primeiro momento, perto da percepção de serem nativos, negros, estrangeiros em sua própria terra. O sujeito não estava mais dividido entre duas culturas, a portuguesa e a de seu grupo étnico; é a cultura dele mesmo que se modificara. Os povos africanos subjugados se viram obrigados a se reconhecer numa concepção de identidade ocidental, diversa da deles, nem sempre compreensível e que os colocava em posição de inferioridade. Analisaremos este fenômeno atentamente, através do texto de Elias.

Norbert Elias fez um estudo sobre uma comunidade de periferia urbana próxima a Leicester (MENNEL, 2000, p. 13), visando analisar a relação entre o grupo estabelecido, mais antigo, e o grupo mais novo, os *outsiders* (ELIAS, 1994). Este estudo se torna interessante, principalmente porque a guerra civil angolana acarretou uma descontinuidade entre as grandes cidades e o campo, em todos os sentidos: econômico, político e cultural. E de uma forma tão radical, ousamos afirmar, que findaram por constituir grupos identitários diversos e isolados. Entendo que a maneira como se deu a chegada dos portugueses à região, a forma como estes se impuseram e colonizaram os povos que lá habitavam, levou, algumas vezes, os nativos a se sentirem estrangeiros — *outsiders* em sua própria terra. Principalmente em Luanda, a presença dos portugueses foi centralizadora. De alguma forma, todos os nativos que chegavam eram *outsiders*, mesmo sendo parentes ou agregados, posto que a forma de vida que se impunha — entenda-se a cultura híbrida — era exclusiva daquele lugar, não sendo oriunda de nenhum grupo específico. Aqueles

que há algum tempo já lá estavam haviam aprendido determinados códigos de conduta que deixavam mais do que claro quem era o grupo dominante — os “estabelecidos”. No período colonial, este grupo era formado pelos colonos portugueses e, secundariamente, pela elite híbrida formada pelos contatos entre os portugueses e nativos locais, a elite crioula luandense. Após a independência, as elites urbanas locais ocuparam este vazio.

Os “estabelecidos” se autorepresentam como humanamente superiores, justificando desta forma seu domínio sobre os demais. Veem-se como pessoas melhores, possuidoras de virtudes e qualidades exclusivas de seu grupo. E os recém-chegados, por não compreenderem o que lhes falta, ou por não se sentirem capazes de mudar o jogo de poder, acabavam por aceitar, resignados, este lugar de inferioridade.

Em Luanda, creio que a determinante tornou-se o lugar de residência, geograficamente demarcado — centro, periferia, musseques. E este aspecto terminou por identificar e dar coesão aos grupos. Esta coesão grupal estabelece a relação de forças entre os membros da sociedade, e se fortalece com o tempo, através das gerações de famílias que se conhecem e vão interagindo. Os novos tornam-se estranhos, mesmo os parentes, inclusive entre si. Estigmas e preconceitos foram criados, e existem somente pela interdependência entre os grupos. Mas os sintomas desta inferioridade são normalmente gerados pela própria condição imposta ao grupo, por ser *outsider*. “Sob alguns aspectos, eles são iguais no mundo inteiro. A pobreza — o baixo padrão de vida — é um deles” (ELIAS, 1994, p. 28). A inferioridade de poder é sentida como inferioridade humana. Outra característica relacionada a eles é a falta de asseio, e por conta de suas condições precárias, isto é muitas vezes verdade.

Este equilíbrio de poder entre os grupos, porém, não é estático. Grupos estabelecidos podem se tornar *outsiders* ou desa-

parecer, como no caso dos colonos portugueses, após a libertação de Angola, assim como *outsiders* podem deslocar-se para uma nova posição estabelecida, como ocorreu com as elites urbanas angolanas, na mesma época. Esta fantasia criada pelos estabelecidos possui função vital nas relações humanas de poder. O sonho da missão civilizadora portuguesa em África acarretou um movimento de contra-estigmatização dos antigos *outsiders*, hoje em busca de sua negritude e de seu próprio sonho.

Analisar algumas manifestações materiais usadas para marcar diferenças também nos ajuda a compreender a coexistência de diferentes identidades numa mesma sociedade. A identidade é marcada por meio de símbolos que ajudam a identificar o grupo pelas pessoas que os usam. A materialização destes símbolos, como a marca dos produtos consumidos, podem reforçar diferenças, igualdades ou até mesmo identificar zonas de conflito. Ela se constrói de forma simbólica e também social, posto que tenha causas e consequências materiais (WOODWARD, 2009). O processo de globalização está levando ao colapso as velhas estruturas sociais, por conta do rompimento das fronteiras econômicas e culturais. Surgem identidades novas, identificáveis em qualquer lugar do mundo pelo que usam e consomem, e quase não se diferenciam umas das outras. Uma característica marcante da atual fase do capitalismo é certa padronização cultural sofrida pelas sociedades por ele afetadas.



Casamento: os trajes comemorativos da festa misturam símbolos locais tradicionais, com trajes de cerimônia ocidentais, no caso influência do colonizador cristão português, hoje compartilhada por toda comunidade católica global. Cena do filme *Oxalá cresçam pitangas*, de Ondjaki e Kiluange Liberdade, 2006.



Rappers angolanos: roupas, objetos e “atitude”, signos e símbolos que identificam uma juventude que protesta através de sua arte. Surgido no final do século XX entre as comunidades negras americanas, o rap é hoje uma linguagem global. Acima, fotograma do filme *É dreda ser angolano*, produzido pela Família Fazuma, 2007.

Mas, esta homogeneidade cultural pode afastar o indivíduo da cultura local e, conseqüentemente, de sua correspondente identidade, acarretando uma necessidade de reafirmação e fortalecimento de identidades étnicas ou urbanas, tanto quanto o surgimento de novas identidades.

Gostaria de ressaltar o papel da mídia na construção e afirmação das identidades nacionais, e particularmente do cinema, que, ao narrar sua versão dos fatos, reforça-a como sendo a única verdadeira. No entanto, uma mesma história possui várias versões, escolher qual a verdadeira é uma atitude, antes de tudo, política, faz parte da luta pelo reconhecimento das identidades. A história busca no passado a justificativa da demarcação de territórios e culturas. Neste caso, o filme reforça e reafirma determinada identidade. Podemos perceber então que, ao reafirmar certa identidade através de uma narrativa do passado, de fato estamos recriando-a; da mesma forma o passado é transformado, estando ambos em constante movimento. O significado não se fixa, estando sempre mais adiante. Assim, ao realizar as duas obras analisadas, seus produtores corroboraram para a edificação de uma identidade angolana, digamos, nova, jovem, mesmo que em constante mutação.

Referências

BARTH, Fredrik. Etnicidade e o conceito de cultura. *Antropolítica*, Rio de Janeiro: UFF, n. 19, p. 15-30, 2. sem. 2005. Disponível em: http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_19.pdf.

DETIENNE, Marcel. *Comparar o incomparável*. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.

ELIAS, Norbert. Introdução: ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders. In: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994, p. 19-50.

FAZUMA. *É dreda ser angolano*. Angola, Portugal: DVD, 65 min, 2007.

HENSCHER, Alberto. In: ERMAKOFF, George. *O negro na fotografia brasileira do Século XIX*. Rio de Janeiro: George Ermakoff Casa Editorial, 2004, 182 p.

HODGES, Tony. *Do afro-estalinismo ao capitalismo selvagem*. Portugal, 2002.

MATEUS, Dalila Cabrita. *A luta pela independência: a formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*. Mem Martins: Inquérito, 1999.

MATOS, Patrícia Ferraz de. *As cores do império: representações raciais no império colonial português*. Lisboa: ICS, 2006.

MENNEL, Stephen. Nota Introdutória. In: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. ?. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000, p. 13.

ONDJAKI [Ndalú de Almeida]; LIBERDADE, Kiluane. *Oxalá cresçam pitangas — histórias de Luanda*. Angola e Portugal: DVD. 62 min. 2006.

SMITH, Anthony D. *A identidade nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 3-17; 183-243.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás T. da. (Org.). *Identidade e diferença*. ? ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 7-72.

Recebido em: *fev. 2014*. Aprovado em: *maio 2014*.